

VÁRIA

Os «Bombos» de Fafe, e outras diversões de carácter periódico

Há cerca de quarenta anos faziam-se em Fafe, num recinto que se prestasse para a festa — de preferência umas carvalheiras, e nomeadamente o local daquela vila chamado *a Granja* —, e na tarde do dia de Páscoa, os baloiços festivos a que se dava o nome de «Bombos». Para tal, arranjava-se e preparava-se prèviamente um grande ramo de carvalho com dois braços iguais, e a resistência, tamanho, e aspecto requeridos, o qual, aproveitando-se qualquer gancho natural que tivesse no vértice, ou, na sua falta, aplicando-se-lhe aí um de ferro, se suspendia de um barrote atravessado ao alto entre duas carvalhas; sòlidamente pregada aos extremos desses braços, uma tábua fazia de assento. No gancho, em cima, colocava-se um ramilhete de flores, uma rosca de pão, e uma garrafa de vinho «fino», que constituiriam o prémio para quem viesse a merecê-lo.

Os rapazes, à vez, em pé sobre o assento, levavam o «bombo» o mais alto que podiam, a golpes de rins, e aquele que conseguisse fazê-lo dar a volta completa, era o herói do dia, e recebia as flores, a rosca, e a garrafa. As raparigas, menos afoitas e fortes, e também cada uma à vez, iam sempre sentadas; o impulso era dado por um rapaz que, em pé, acompanhava aquela que ocupava o baloiço, ou então por outros que, de fora, puxavam duas cordas presas ao assento, no sentido da oscilação, entre gritos de susto por parte delas, e grande brincadeira pela deles. Um rapaz nunca consentiria em se sentar, nem que qualquer outro o ajudasse.

Os «bombos», que depois daquele dia se mantinham, eram o grande divertimento da gente moça nas tardes de domingo da quadra primaveril, e pretexto para se organizarem verdadeiras festas, com luzida concorrência e animação, tendinhas de refrescos e limonada, música de harmónios, violas, pandeiretas e ferrinhos, rugas, descantes e bailaricos.

*

* *

Em muitas terras portuguesas existe o costume de, em datas diversas, se «roubarem» certas alfaias, vasos de flores, e outros objectos, que se levam para qualquer local especial da povoação, onde, no dia seguinte, os donos respectivos os deverão procurar, e trazer de novo para as suas casas.

Assim sucede entre muitos outros, por exemplo, no distrito de Braga, na véspera de S. João, em Aboim da Nóbrega, no concelho de Vila Verde, e em Tecla, no de Celorico de Basto, onde os «roubos» consistem habitualmente em carros, arados, cancelos, vasos de flores das janelas, etc.; em Fafe, onde de preferência são «roubados» os sarilhos de tirar água, com o balde e a corda, os vasos de flores, e os «canhotos» de lenha, que, à porta das casas, aguardam o rachador, e que se atravessam nas quelhas e caminhos, impedindo a passagem; em Cortiços, no Barroso, e em Priscos, onde, além daquela data, o costume se verifica também na véspera de S. Pedro, sendo na primeira daquelas localidades os objectos atravessados nos caminhos, como no exemplo de Fafe, e na segunda levados para o adro da igreja, como no de Tecla e Aboim de Nóbrega; etc. Na região de Arouca, a brincadeira, a que em certos lugares dão o nome de «Travessuras de S. João e de S. Pedro», faz-se nas vésperas dessas duas festividades, e os «roubos» são levados para o adro da igreja ou para qualquer encruzilhada de caminhos.

Por outro lado, no concelho de Vinhais, a data escolhida é o dia de Todos-os-Santos; em Moimenta da Raia e Seixas, por exemplo, os rapazes, nessa ocasião, «roubam» igualmente grades, arados, carros, etc., que põem nos caminhos; e nesta última aldeia, além disso, tapam as fontes com paus, e, quando podem, levam os burros para longe do povoado, e deixam-nos aí ficar presos a qualquer árvore.

É visível o carácter irreverente da costumeira, que muitas vezes é dirigida, por parte dos rapazes novos, contra casas onde há raparigas solteiras, ou pessoas desfrutáveis, por temperamento ou aspecto, e que se apresenta como manifestação das liberdades licenciosas, de fundo mágico-ritual, próprias de certas épocas e celebrações primitivas, hoje permitidas à juventude, nas festividades que lhes correspondem.

*

* *

Na semana que precede o Carnaval, vimos, nos arredores de Coimbra, perto da margem esquerda do Mondego, um grupo de raparigas que, ao lado da estrada, atiravam grandes potes de barro, já inutilizados, de umas para as outras, em visível feição de divertimento; mas não nos foi possível, naquela ocasião, levar mais longe qualquer inquérito acerca do jogo, de resto conhecido entre nós em outras localidades.

Em França, porém, o quebrar voluntário de louça de barro constitui sempre uma prática com sentido mágico — às vezes, por falta de razões expressas, difícil de se concretizar e definir se profiláctico, multiplicador, ou propiciatório, mas geralmente em relação com a ideia de felicidade (*porte-bonheur*) —, e, naquelas condições, é um jogo próprio de certas celebrações e ritos de passagem, nomeadamente casamentos ⁽¹⁾. Eis, para melhor ilustração, a descrição que, com o nome de *Jeu de Toupiole*, próprio do dia de Carnaval, dele dá o Ab.^o Laborde, referido a Bidache, no Béarn: — «Durante todo o ano, as donas de casa puseram de lado os cântaros rachados ou amputados do seu gargalo ou asa. Quando chega o dia, homens e mulheres, em pequenos grupos, atiram uns aos outros, na praça pública, esses cântaros fora de uso, como se fossem bolas. A princípio, isso faz-se com perícia, mas depois, pouco a pouco, deixam-se propositadamente cair ao chão os cântaros, que se estilhaçam em mil bocados, no meio de gargalhadas.

Quando todos se escacaram, vão-se buscar os velhos potes rachados ou esbotenados. Depois de tudo esmigalhado, deixam-se os cacos no sítio, o que a um estranho causaria a impressão de que se estivera a espatifar a montra de um louceiro...» ⁽²⁾.

*

* *

Quando qualquer manifestação tradicional de carácter complexo tem lugar numa área que transcende os limites de uma zona

(1) Arnold van Gennep, *Manuel de Folklore Français Contemporain*, Tome Premier, II, Paris, 1946, pág. 521, e III, Paris, 1947, págs. 1110-1111.

(2) *Ibid.*, III, pág. 1110. — Poderá esta prática aproximar-se do costume iroquês, relatado por Frazer (*Le Bouc Émissaire*, pág. 114), próprio das festas do Novo Ano, em que homens e mulheres, nas vésperas da cerimónia da expulsão dos maus espíritos, iam de tenda em tenda, como loucos, escacando e atirando ao chão tudo o que encontravam?

regional ou nacional, somos, acerca da sua origem, obrigados a encarar a hipótese de um foco inicial de difusão único, cuja antiguidade será tanto maior quanto mais vasta for tal área. Ora, as «Travessuras do S. João» são também conhecidas em França, ocorrendo em termos iguais aos daqui, em diversos lugares e datas, com o nome, próprio da região alpina, de *Farse du Barri*; no departamento do Marne, por exemplo, elas têm lugar em Terça-feira Gorda, e é o tambor que, no dia seguinte, avisa os donos de que chegou a hora de irem buscar o que lhes pertence — carros, bancos, cancelos, ferramentas, etc., como entre nós —, e que os rapazes amontoaram na praça comunal durante a noite, enquanto ardiam as fogueiras do Carnaval (1).

Pelo seu lado, os baloiços periódicos, com o carácter de ritos de festa, encontram-se igualmente em muitos povos; eles já eram conhecidos na antiguidade greco-romana, tendo aí lugar em cerimónias religiosas de fundo mítico, em relação com ideias de expiação e purificação de influências maléficas aéreas, e, consequentemente, como ritos promotores da fertilidade (2); nos nossos tempos, entre as populações cuja vida mental se regula por conceitos menos evoluídos, eles correspondem do mesmo modo, geralmente, a práticas religiosas ou mágicas, embora com fins diversos: umas vezes, parecem ter em vista a expulsão de maus espíritos; outras, são utilizados como um veículo para a inspiração divina se manifestar; outras ainda, como um processo de assegurar caça e pesca abundantes, provocando a fecundidade animal e vegetal; etc.

Na Europa moderna, existem em alguns departamentos da Sabóia francesa os baloiços de rapazes e raparigas no dia de Carnaval, em cordas suspensas de árvores ou palheiros (3); na Itália, havia-os na Calábria, no Natal, dentro das casas, por parte das raparigas, com intenção piedosa; em Cádiz, na Espanha, havia os da mesma data, que seguiam, depois, até ao Carnaval, por rapazes e raparigas, e também dentro das casas; na Grécia há-os em várias ocasiões, conforme os lugares — na terça-feira depois da Páscoa, com carácter aparente de rito solar; a meio da Quaresma, entre lamentações; etc. —; na Estónia, havia os da noite de S. João, enquanto ardiam as fogueiras, só de raparigas, acompanhados de cantigas (4); e na Letónia, os lavradores, entre a

(1) *Ibid.*, III, págs. 1107-1108.

(2) James George Frazer, *Le cycle du Rameau d'Or*, vol. IV, *Le Dieu qui meurt* (trad. francesa de «The Golden Bough»), Paris, 1931, págs. 246-248.

(3) Arnold van Gennep, *op. cit.*, III, pág. 1106.

(4) James George Frazer, *op. cit.*, págs. 248-249.

Páscoa e o S. João, baloiçavam-se o mais que podiam, durante as horas vagas, acreditando que, por um princípio evidente de magia imitativa, e à semelhança do que sucede em outros sítios, quanto mais e mais alto baloiçassem, melhor a semente germinaria e cresceria (1); etc.

*

* *

As três diversões populares que apontamos, portanto além de serem comuns a vários países, o que pode sugerir a seu respeito, uma origem remota, apresentam-se, em todos eles, com o mesmo carácter de periodicidade.

Ora, é sabido que a periodicidade de alguns jogos e diversões, e a sua afectação a determinadas cerimónias e celebrações festivas, os indigita, em certos casos, como sobrevivências de práticas rituais ou mágicas; tal é, de facto, como vimos, o aspecto que, dum modo geral, apresentam os baloiços periódicos que ainda há poucos anos tinham lugar na Europa. É, assim, possível que a ideia de conceder o prémio dos nossos «Bombos» àquele que conseguia dar a volta completa, represente um princípio de natureza idêntica, porventura em relação com as sementeiras, posto ao serviço do instinto lúdico de competição humana (2). Por sua vez, entendemos que o jogo de Coimbra deve ser estudado em comparação com a farsa francesa carnavalesca da *Toupiole*, cuja ligação com ideias mágicas é também expressa (3). E vimos atrás a plausibilidade de tal ser também a significação dos «roubos» do S. João. Deste modo, parece fora de dúvida que nos encontramos perante manifestações de natu-

(1) Ibid., pág. 134. Cf. do mesmo autor: *Le cycle du Rameau d'Or*, vol. IX, *Le Bouc Commissaire* (trad. francesa de «The Golden Bough»), Paris, 1926, acerca dos saltos que os lavradores davam em certas regiões de França, Alemanha e Áustria, na ocasião das sementeiras ou em certas datas festivas, e em especial no dia de Carnaval, com a mesma ideia e finalidade (págs. 214-215), e ainda os baloiços das raparigas nas cordas dos sinos, na festa da Ascensão, em Hildesheim (pág. 223).

(2) A área de difusão do costume dos «Bombos» não está ainda determinada. Informam-nos de que ele é também conhecido na região de Barcelos. Deve-se notar, entretanto, que, entre nós, nenhuma reminiscência subsiste, em relação aos «Bombos», de qualquer primitivo significado mágico.

(3) Não temos igualmente conhecimento, entre nós, de qualquer ideia de augúrio favorável relacionada com o quebrar de olaria, tal como sucede em França. E se as manifestações de um costume são nitidamente esporádicas, é sempre possível que se tenha verificado o caso excepcional de uma importação limitada, e não de uma verdadeira difusão.

reza especial, que deverá ser tomada em linha de conta para a sua conveniente interpretação; e esta hipótese é aqui apoiada pela consideração da sua presumível antiguidade.

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA.

Do Centro de Estudos de Einologia Peninsular.

Palestras sobre a alimentação

Numa série de palestras ao microfone da Emissora Nacional (1) o Presidente da nossa Sociedade ocupou-se dos problemas biológicos e sociais da alimentação. Reproduzem-se em seguida essas palestras, em vista do interesse geral do tema:

I

Alguns decénios de progresso científico e técnico; os desenvolvimentos recentes nos estudos sobre a alimentação; fisiologia e regimes alimentares; aspectos biológicos, químicos e sociais da alimentação; gordos e magros; tipos constitucionais e modas; apetite e mecanismos auto-reguladores.

O Presidente da Fundação Carnegie para o Avanço do Ensino, no relatório anual desta instituição, pôs recentemente a questão seguinte, à qual respondeu em parte: o que chocaria mais um professor universitário de há 75 anos se regressasse à sua função hoje? Não reproduzirei a resposta dada, senão na parte em que se afirma não dever causar estranheza a tal professor uma enorme quantidade de descobertas realizadas nem o desenvolvimento de certos estudos, mas o desinteresse quase generalizado pela filosofia e a preferência da universidade moderna pela investigação dos factos sobre a da própria Verdade, sendo sacrificados pela especialização não só a amplitude do saber mas outros elementos fundamentais da ciência antiga.

Ficará para outro ensejo a discussão deste tema, mas parece-me que não é preciso recuar 75 anos para a verificação dessas e doutras diferenças entre as preocupações dos cientistas das duas épocas. Posso eu próprio fornecer um depoimento con-

(1) Estas palestras foram proferidas em 10 e 17 de Dezembro de 1951 e em 7, 14, 21 e 28 de Janeiro de 1952.